

Monte Serrat

PMS

FML

GERIN

BIBLIOTECA

Jornal

A Tande

Data

16/06/2007

Caderno

Página

Salvador

08 e 09

Secção

Assunto

Bavino



Onde eu moro

FOTOS: FERNANDO VIVAS | AG. A TARDE

MONTE SERRAT | Adornado pela Praia da Boa Viagem e pela Pedra Furada em suas bordas, o bairro ainda guarda um certo ar de província e notáveis jóias arquitetônicas

Belezas e encantos de uma velha Salvador

SANDRO LOBO

slobo@grupoatarde.com.br

Não é conversa mole de morador da área, mas poder viver no Monte Serrat é um privilégio, mesmo com todos os problemas que o bairro tem em comum a toda a Cidade Baixa, zona historicamente mais abandonada e pobre de Salvador.

Adornado pela Praia da Boa Viagem e pela Pedra Furada — a primeira, dando vistas para a cidade em si; a segunda, para a Ilha de Itaparica —, o Monte Serrat guarda jóias da arquitetura do século XVIII e tem um clima provinciano que se revela no cotidiano pacato dos moradores, que se conhecem todos quando menos de vista, e pelo baixo fluxo de trânsito de veículos em suas ruas (batizadas com nomes de rios brasileiros).

ELITE — Sentado na banca de jornais que mantém há 41 anos numa das esquinas da Rua da Imperatriz (que o povo entende mais como parte da Boa Viagem, embora seja uma espécie de borda do Monte Serrat), seu Mário Oliveira, 75 anos, relembra como era o bairro



O Monte Serrat apareceu apenas 365 vezes nas seções de aluguel e venda de imóveis dos Classificados de A TARDE no último ano. A Pituba apareceu 80.409 vezes, o que confirma a baixa oferta de imóveis lá, mesmo guardada a diferença de portes dos bairros.

Fonte | Sistema de Captação de Anúncios Easy Class / Classificados A TARDE

quando chegou para aquelas bandas, aos 19 anos, vindo de Santo Estevão. “Isso aqui era conhecido como um bairro de elite, mas há um desprezo da prefeitura pela área. Tem lugares sem iluminação, ruas precisando asfaltar. Ainda assim, é lugar muito bom para se morar, porque é bonito e calmo, muito melhor que a maioria dos bairros da cidade. Tanto que não se acha casa para alugar ou comprar”.

A funcionária pública aposentada Auzendra Sanches, 75, poderia ter optado entre Brotas, Ribeira e Monte Serrat, quando a Caixa Econômica abriu linhas de financiamento em 1974. Não se arrependeu de ter escolhido um belo sobrado na Rua Rio Itapicuru. “Meus vizinhos são pessoas chegadas, todos se conhecem”, justifica.

Sobre os rumores de que os rou-

bos a moto têm sido crescentes, ela minimiza o problema. “Há uns 30 anos, eu dava aula na Liberdade às 6h e saía daqui num ônibus cheio de operários, de madrugada. Nunca mexeram comigo. Mas é o mundo que está diferente, mais violento”, diz ela, que mantém os muros de sua residência da mesma altura (cerca de 1,90m) dos anos 70.

VIDA ALHEIA — O historiador e psicanalista Cláudio Carvalho, 37 anos, bem que podia ter saído da casa dos pais e ganhado mundo. Mas não: ele nasceu e se criou no Monte Serrat, mais precisamente no Primeiro Barreiro, e morou em dois outros pontos do bairro desde então. Por que a fixação? “Gosto de morar aqui no bairro porque o Monte Serrat ainda tem uma jeito de interior, onde as pessoas se co-

nhecem, se cumprimentam e podem falar um pouco da vida alheia. Vivi uma infância muito legal em uma casa que tinha quintal com galinheiro, pitangueira e uma parreira. Na verdade, a pitangueira e a parreira eram do quintal da vizinha, mas o muro era tão baixo que era como se fosse nosso”, conta.

O comerciante André Pereira, 32 anos, “crescido e criado” no Primeiro Barreiro, acha tudo muito lindo, muito legal, mas reclama da falta de opção. Para ele, o Monte Serrat é, sim, um ponto turístico importante mas, para os moradores, faltam opções de lazer. Ele explica: “Se você quiser almoçar bem aqui no bairro mesmo, só tem o Restaurante do Forte. Bares para curtir a noite, nem pensar”, diz.

O estudante de biologia Guilherme Saldanha, 25 anos, que mora na Rua Rio São Francisco, não vê assim. “Isso tem que ser visto com muita calma. Muitos bares aqui poderia mudar as características do bairro, tirar o conforto, agravar a poluição sonora e a questão da segurança”, acredita.

Sandro Lobo é editor de Salvador e Bahia e mora no Monte Serrat.



Vista do alto da Rua Rio São Francisco, com palmeiras imperiais ao fundo

Com jeito de vila de pescadores ou de uma pequena cidade do litoral



Da varanda, dona Evani relaxa e diz: "Aqui, ninguém me bole, todo mundo se gosta e me quer bem"

O fato de ter tomado muito leite de cabra, de vaca e de jumenta na infância é uma das possíveis razões para dona Evani Maria de Jesus ("porque 'do Diabo' ninguém quer ser") ter completado um centenário de vida e continuar tão ativa e falante – uma das moradoras mais conhecidas do pedaço mais popular do Monte Serrat, conhecido como Pedra Furada.

"O leite de 'jega' era o mais diferente, meio azulado e adocicado, mas a gente bebia porque minha avó obrigava. Ela 'cortou o umbigo' de muito moleque daqui e só morreu quando já estava com 116 anos", conta dona Evani, cuja família veio do Mato Grosso para a Bahia no século XIX. "Eu ainda peguei os pelourinhos no Centro Histórico, com as correntes e as argolas. Minha mãe dizia: 'Aí, ó, onde é que amarravam e castigavam os pretos escravos'. Ainda estava tudo lá", relembra.

Nascida no Rio Vermelho e logo trazida para o Monte Serrat, ela conta que a Pedra Furada só começou a ter algumas melhorias sociais no governo de Antônio Balbino (1959-1962), quando a chamada

"A gente corria para ver os saveiros chegando com o couro do interior"

Evani Maria de Jesus, 100 anos, moradora da Pedra Furada I

Avenida Constelação foi asfaltada e algumas casas construídas.

Muito antes disso, ainda na década de 40, ela lavou muita roupa para os soldados e sargentos do Quartel da 6ª Região Militar, que fica na Ponta do Humaitá. "Na época, esse quartel ainda era a antiga Escola Agrícola da Bahia. Plantavam tudo quanto era tipo de verdura e hortaliça aí, só

para estudar, depois distribuíam, mas mudaram para Cruz das Almas em 1942", vai revelando, com uma memória e clareza surpreendentes.

As imagens mais bonitas que guarda da infância são as da chegada dos saveiros que traziam carne e couro de boi das principais cidades do Recôncavo baiano, como Santo Amaro e Cachoeira, para salgar ou curtir. "A gente era menina e saía correndo até lá na ponta, onde tinha uma salgadeira, para ver os barcos entregarem o couro. O pessoal lavava, curtia e passava para quem fazia bolsa e sapato".

Mãe de quatro filhos, dona Evani ama o lugar onde mora. "Aqui, ninguém me bole, todo mundo se dá bem e me quer bem", afirma. No entanto, a pesca com bomba, um dos crimes ambientais mais comuns na região, a tiram do sério. "Hoje mesmo, colocaram três. Passaram aqui nesse instante com o gererê cheio de peixe morto com as bombas. A gente vai fazer o quê? Todo mundo sabe quem é, o Ibama e a Marinha não fazem nada, eles são presos num dia e soltos no outro", questiona.



Onde eu moro

MONTE SERRAT | Apesar da ação de ladrões com motocicletas, cada vez mais comuns, moradores ainda se sentem seguros no bairro

Área das mais tranquilas na capital

SANDRO LOBO

slobo@grupoatarde.com.br

Uma das queixas comuns entre moradores do Monte Serrat e Boa Viagem é o número de pessoas – em sua maioria homens adultos, com vício do álcool – que vivem perambulando pelo bairro e fazem o Largo da Boa Viagem uma espécie de residência coletiva. Com suas garrafinhas de aguardente de R\$ 2, eles bebem, dormem e até cozinham e fazem refeição na praça.

“Um sindicato, por assim dizer, sendo que alguns têm um comportamento suspeito. No fim de semana, sem viaturas pela área, a quantidade de gente que vem à praia fica parecendo que você está no Haiti, e eu não estou me referindo à cor da pele das pessoas, mas à confusão”, diz o empresário Jovenilson Gama, que mora e mantém negócio na área.

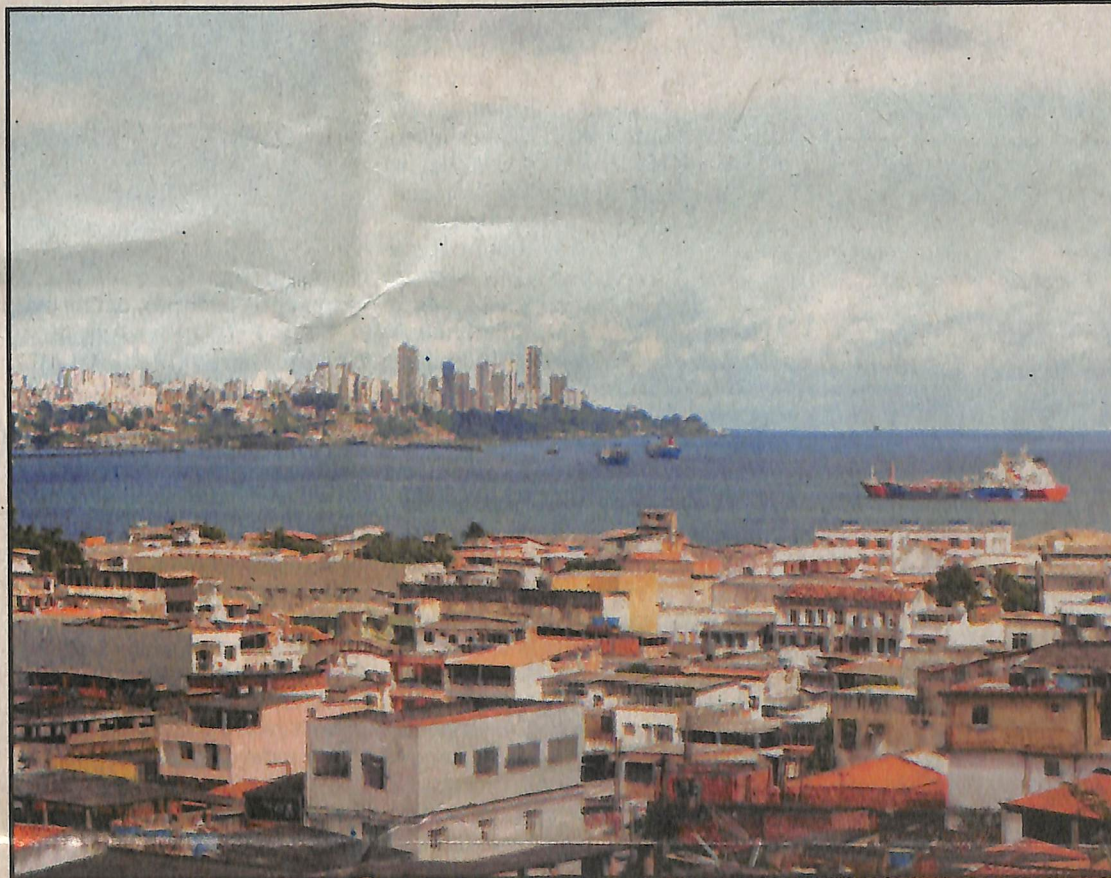
O comerciante Jorge Tadeu, 51 anos, e seu amigo Clóvis Pitanga, o Vovô, 70 anos, reclamam da falta de policiamento. “Tem que ficar sempre ligado”, diz Tadeu, que, por precaução, fecha as portas de seu pequeno comércio às 17h30, antes

de escurecer. Seu Clóvis já se preocupa mais com a questão da carência de linhas de ônibus. Os dois acham que há muitas ligando o Monte Serrat a bairros mais periféricos (5), e poucas para “a cidade” (3), no caso, a Cidade Alta.

MOTOS – Apesar de reconhecer o aumento de ocorrências de roubos na área, principalmente com motocicletas, a delegada titular da 3ª CP (Bonfim), Inalda Cavalcante, não titubeia em dizer que o Monte Serrat continua sendo uma das zonas de menor ocorrência de assaltos na Cidade Baixa.

“Temos uma parceria com o Esquadrão Águia e seu grupo tático Garra para abordagens a motociclistas. Depois que prendemos uma dupla que estava agindo na área, os números caíram bastante”, afirmou ela, que retornou de férias ontem e, por isso, ficou sem poder apresentar estatísticas oficiais. “A Ribeira e a Calçada, que é zona bancária, têm mais problema com isso”, garante a delegada.

Ex-bancário e ex-morador do bairro da Graça, Gerson Gomes, 47 anos, vende cerca de 33 mil pães



Vista do Monte Serrat e entrada da Baía de Todos os Santos, a partir do mirante ao lado da Sagrada Família

FOTOS: FERNANDO VIVAS | AG. A TARDE

por semana no seu mix de panificadora e mercadinho – muitos com venda a fiado, na base da confiança e anotação. “Tenho cerca de R\$ 10 mil perdidos em fiado”, diz, “mas mantenho a venda a crédito para alguns bons pagantes”. Sobre os roubos, diz que, em 9 anos, foi roubado apenas uma vez.

O comércio, aliás, tem todo um jeito particular no Monte Serrat. Enquanto entrevistávamos dona Evani (veja matéria na página 8), ela foi abordada pelo vendedor Marcelino, que traz verduras de todo tipo desde a Feira de São Joaquim até a Pedra Furada. “Quer quiabo?”. “Quiabo não quero, não. Tem cebola”. “Tem”. “Me dê aí um real”. “Depois eu passo para pegar”, disse seu Marcelino e foi saindo, com seu carrinho de mão.

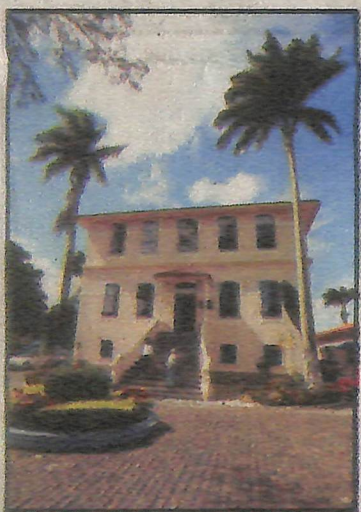
A principal queixa do artista plástico Leonel Mattos, um dos moradores ilustres do bairro, é sobre a descaracterização da Ponta de Humaitá (que perdeu sua murada centenária para uma Via Náutica que nunca aconteceu), onde ele se casou pela primeira vez, em 1974, e a necessidade de um centro de cultura para a juventude.



IGREJA DA BOA VIAGEM I Todo dia 1º de janeiro, os principais telejornais brasileiros mostram a Igreja da Boa Viagem, de onde sai a galeota da Devoção do Senhor Bom Jesus dos Navegantes. A procissão marítima é uma tradição iniciada em dezembro de 1890, quando o culto deixou de ser realizado com o apoio da Marinha. A igreja, no estilo barroco português, foi implantada por volta de 1712 (século 18) e necessita de reparos, apesar de ter preservado suas características. O local do coro está interditado há dois anos. "Só tivemos dinheiro para começar a recuperação do altar-mor", afirma padre Stefano, pároco local I



FORTE DO HUMAITÁ I Conhecido como Forte do Monte Serrat, é o "orgulho" arquitetônico dos moradores da área, junto com o farol e a igreja da Ponta de Humaitá. A fortificação começou a ser construída pelos portugueses em 1583, em resistência aos holandeses, numa posição estratégica no alto da ponta mais avançada da Península de Itapagipe e com privilegiada vista sobre o antigo Porto de Salvador. Foi finalizada em 1742. De lá, a vista da entrada da Baía de Todos os Santos é privilegiada, vendo-se, de um lado, Salvador; abaixo, a Praia da Boa Viagem; e, do outro, a Ilha de Itaparica. Um deslumbre I



SEDE DO CENTRO DE RECURSOS AMBIENTAIS (CRA) I Talvez somente o imóvel pertencente à família do jornalista, advogado e ex-deputado estadual Clemente Mariani (1900-1981), na Ladeira da Barra, possa se comparar, em termos de grandeza e visão privilegiada, ao imóvel onde funciona, há 24 anos, o Centro de Recursos Ambientais (CRA) e o Núcleo de Estudos Avançados do Meio Ambiente (Neama). O casarão, de aspecto colonial instalado de maneira imponente sobre a elevação em frente ao Forte do Monte Serrat, é seguramente um dos mais belos locais de toda a cidade I



IGREJA DE NOSSA SENHORA DO MONTE SERRAT I De acordo com as informações divulgadas pelo Mosteiro de São Bento, que é responsável pela igreja e mosteiro de Monte Serrat, o santuário de Nossa Senhora do Monte Serrat foi fundado pelos senhores da Torre de Garcia D'Ávila por volta do ano de 1580. Depois de quase duas décadas, a igreja foi doada aos monges beneditinos pelo então governador geral Francisco de Souza. A igreja e o mosteiro constituem conjunto de importância histórica e artística da segunda metade do século XVII. Já o altar-mor é um exemplar de talha dourada do século XVIII I